



Maria Inês Assumpção Fernandes¹

Algumas palavras

Minha querida Olgá,

Figurações que se atropelam e desrespeitam os tempos; descobrem fatos e mostram os desvios. Um conjunto de imagens vem à cabeça. Meninas e meninos correndo, crianças que chegaram para nos ensinar a brincar a vida. Adolescentes que riam de piadas tolas que despertavam a alegria viva. Adultos que discutiam as conversas da noite carregadas do alimento do viver. O sempre e o agora se alternam. Irmãos e irmãs, filhos e filhas nossos enlaçados na amizade, que dura... Assim como os carvalhos que deitam raízes, geramos nossos frutos.

Em realidade, estes escritos, porque se apoiam na memória, exigiriam uma leitura que deveria seguir a linha dos acontecimentos e, uma outra, seguindo o caminho dos devaneios. É desse tecido entremeado de sonho e pensamento que faço esta costura com os retalhos recolhidos de íntimas e estranhas palavras.

Como dizia nossa querida amiga Ecléa², somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo... *do encontro com o outro*. Sobre a distância entre os tempos fazemos uma ordenação que obedece a uma lógica afetiva cujos motivos ignoramos. Memória do afeto. Assim, recordar é sempre um ato de criação, dizia ela.

Quantas gerações se comovem e se entrelaçam neste enredo?

¹ Professora Titular do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: marines@usp.br .

² BOSI, Ecléa. *Velhos Amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Como dizem os poetas “o tempo dá e toma; o ser não cessa de perder e de ganhar no horizonte móvel do tempo; a consciência que se plasma no devir da temporalidade seguidamente se realiza e se dissolve”³. A narrativa de uma história vivida exhibe sempre essa ondulação; alterna os tempos e nos surpreende. O tempo não aponta a um destino; agarramos os momentos conforme nosso ambíguo e ambivalente trabalho da imaginação. “O tempo somente é contínuo como nada; como ser, ele é necessariamente descontínuo, pontilhado de lacunas e rupturas”⁴.

Cabe a nós encontrar um ritmo na existência e criar a passagem ao sentido e à história. Hoje, nós sabemos, vivemos o tempo – mercadoria – “*time is money*”, enquanto “a ciência, a tecnologia e o mercado juntam-se para nos fazer ganhar tempo a qualquer preço... a nossa cara psicanálise continua insistindo... numa experiência do tempo na contramão da experiência do ‘tempo que passa’, inflacionada pelos tempos que correm”⁵.

É assim que entre o *já foi!* e o *pode ser?*, o tempo que a consciência apreende é essa sucessão irreversível do passado ao futuro, atravessando o instante, sempre fugidio e inapreensível. É dessa *nossa interioridade*, desse *a priori* temporal de toda experiência que se “declinam a vivência do tempo com matizes que vão da nostalgia até a esperança”⁶. Claro que, nessa “ficção, que artificializa a verdade, o presente se anuncia, atropelado por um futuro suposto, formatado por um passado hipotético que nunca foi”⁷. Temporalidade apressada e pressionada, num presente fugidio, espremido entre um passado já remoto e um futuro incerto.

Não esqueçamos que os nossos sonhos e nossos atos falhos, além de nossos sintomas – flagram a intemporalidade para quem quiser prestar ouvidos às suas mensagens⁸.

Quanta coisa a pensar! Quantos sulcos a cortar a história....

O fato é que essa nossa experiência de continuidade, portanto, não é um dado, mas uma obra. “Dura aquilo que recomeça; somente perdura o que se retoma. O *espírito dinâmico* não cessa de fazer refluir o tempo sobre si mesmo, retornando às condições iniciais, reativando o impulso de ser... *Recomeçar, então, é o movimento fundamental*”⁹.

Portanto, para persistir continuamente, é preciso orquestrar nossos ritmos.

³ GUIMARÃES DE FARIA, Maria Lucia. “Bachelard e a Ritmanálise”. *Travessias*, 7, v. 3, n. 3, 2009.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ FINGELMANN, Dominique. “O tempo na experiência da psicanálise”. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 81, pp. 58-71, março/maio 2009.

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ FINGELMANN, Dominique. Op. cit.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ GUIMARÃES DE FARIA, Maria Lucia. Op. cit.

Não nos deparamos, neste enredo, com uma sucessão coerente de formas, mas com os tropeços da vida corrente, dizia Ecléa. Um *vol d'oiseau* sobre a nossa evolução biográfica nos fará ver, como uma tapeçaria, um mosaico de áreas mais ou menos densas, mais ou menos ligadas, algumas abandonadas, outras cultivadas amorosamente. E pontos privilegiados, como torres ou marcos, são os focos de atração desta nossa paisagem.

Acompanhar-te, minha amiga, é dizer de uma experiência e uma história na qual se expressa uma coerência atraente e constante entre o passado e o presente, entre o dizer e o fazer, uma história pessoal inserida numa história social que a encerra e lhe capta o sentido na qual a filosofia, a psicanálise e a arte magnificamente se articulam. É dizer sobre uma atitude sempre aberta e crítica. Lucidez política, humana.

Recomeçemos, minha querida.

Enfim, o tempo religa memória, esquecimento e lembrança.

Toujours et maintenant

de sua amiga,

Marie

Recebido em 30.10.2018.

Aceito para publicação em 05.11.2018.

© 2018 Maria Inês de Assumpção Fernandes. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).